
Meu corpo em uma palavra: um estudo sobre a autopercepção da imagem corporal em jovens universitários¹

Kátia Zanvettor Ferreira²

Michael Gomes³

Milena Peres⁴

Caroline Baptista, Clarissa Rodrigues, Julia Barreto, Lais Garbulho, Milena Bento, Yan Bertone⁵

Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos - SP

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados obtidos a partir da pesquisa Corpo, gênero e identidade: um estudo sobre a autopercepção da imagem corporal em jovens universitários, realizada na Universidade do Vale do Paraíba, que procurou compreender, por meio de entrevistas estruturadas e análise posterior, como os universitários enxergam os próprios corpos e como os definem. Dentro deste contexto, buscamos estudar questões relacionadas à autoestima, gênero e pressão estética, tentando entender como estes desdobramentos afetam as pessoas de maneiras diferentes, a partir das categorias que formulamos para analisar o material colhido. Para estruturar nossa pesquisa, fizemos um levantamento bibliográfico buscando nos aproximar dos conceitos de corpo e identidade. Por fim, traçamos as possíveis formas de continuidade para o estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Autoestima;; Gênero; Juventude; Imagem Corporal.
Corpo

TEXTO DO TRABALHO

Para algumas pessoas, o corpo é uma obsessão. Para outras, é sinônimo de construção social e cultural. O termo "corpo" denomina-se de uma estrutura biológica composta de órgãos, nervos e etc., que mantém o organismo humano funcionando.

De acordo com Weeks (1993, p. 21, apud LOURO, 2000, p.66), “o corpo não pode ser compreendido como uma entidade 'simplesmente' biológica e, além disso,

¹ Trabalho apresentado na IJ 7 – (Comunicação, Espaço e Cidadania) do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Orientadora do trabalho. Prof. Dra. Coordenadora do Labcom Univap, e-mail: katia.zanvettor@gmail.com

³ Jornalista. Pesquisador do Labcom Univap, e-mail, michaelgomes.univap@hotmail.com

⁴ Jornalista, mestranda em Divulgação Científica e Cultural pela Unicamp, pesquisadora do Labcom Univap, e-mail: milenacp1005@gmail.com

⁵ Coautores. Alunos participantes do Labcom Univap da Universidade do Vale do Paraíba, e-mail: labcomunivap@gmail.com

parece impositivo questionar se o biológico não é, ele próprio, significado na e pela cultura". Ou seja, além do corpo atribuir conceitos biológicos, ele apresenta toda uma identidade que mostra o contexto social sobre aquele indivíduo.

[...] esquecemos que a identidade é uma atribuição cultural; que ela sempre é dita e nomeada no contexto de uma cultura. Esquecemos que os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente, que diferentes sociedades e grupos atribuem significados também diferentes às características físicas: que determinados traços ou características podem ter importância, serem considerados notáveis e, então, se constituírem em "marcas" definidoras, ou, ao contrário, permanecerem banais, irrelevantes. (LOURO, 2000, p.62)

Logo, a definição de identidade está interligada com o conceito de corpo e como ele está inscrito na cultura. O corpo é, portanto, uma construção social que é resultado da nossa cultura.

Além do fator cultural, outro tópico que está relacionado com as questões do corpo é a subjetividade. Ou seja, como o indivíduo se "vê" e pensa sobre si mesmo.

De fato, se a subjetividade é, [...] uma expressão de nossa relação com as coisas, através da história, então o modo mais imediato pelo qual essa relação se expressa é o corpo, entendido não apenas como corpo orgânico, mas também como corpo construído pelas relações com as coisas que encontra durante sua existência. Quando dizemos de modo um tanto cru que o corpo é um corpo das relações isso significa que o corpo envolve, então, o encontro com as coisas, ficando subentendido que uma coisa pode ser um outro corpo, orgânico ou inorgânico, uma ideia, uma imagem, etc. (CARDOSO JR, 2005, p.345).

Para os autores por hora estudados, a subjetividade está associada à imagem corporal e como o corpo é visto quando construído socialmente. "Sua construção envolve a possibilidade de interferência sobre a própria autoimagem de cada um, uma vez que ela – a imagem corporal – não é fixa". Olivier (1995, p. 48) cita que "o corpo e sua utilização passam por um processo de aprendizagem construtor de hábitos".

Essas interferências sociais mediam valores como a satisfação e a insatisfação com a imagem corporal humana. "A imagem corporal foi determinada pela diferença entre a autopercepção da imagem atual (SA) e imagem ideal (SI)". (RECH; ARAÚJO e VANAT, J.R; 2010, p. 286). A imagem ideal seria como o indivíduo constrói uma visão de corpo "otimista" perante a sociedade. Já a imagem atual é o corpo real do indivíduo, sem padrões ou sugestões de padrões sobre ele.

. Nos desdobramentos deste estudo, pretende-se aprofundar a questão da identidade a partir dos estudos psicanalíticos, por enquanto nos deparamos com esta dualidade de percepções descritas acima.

CORPO E PODER

Aprofundando nossos estudos sobre corpo, identificamos a importância de estabelecer a relação entre corpo e poder, uma vez que o corpo, como afirma Prado Filho (1995), “está imerso em um campo político, sofre os efeitos dos poderes, é marcado, investido e fabricado por eles”.

Estabelecemos esta relação a partir do que nos conta Foucault (1987), quando diz que:

Aprender a comportar-se, movimentar-se, ser preciso e ter ritmo. Gestos são fabricados, e sentimentos são produzidos. Este adestramento é resultado da aplicação de técnicas positivas de sujeição baseadas em saberes pedagógicos, médicos, sociológicos, físicos etc. O corpo torna-se útil e eficiente, mas ao mesmo tempo torna-se dócil e submisso: o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. (Foucault, 1987, p. 28)

Neste sentido, o corpo é visto como ferramenta política e composta de capacidade realizadora. Entretanto, dotada de controles externos que interferem diretamente nosso comportamento. Foucault nos diz que ter um corpo significa compor uma ordem social que rege padrões e tornar-se submisso a ela, para poder existir.

Em “História da Sexualidade – O cuidado de si”, o autor reforça esta ideia de que enquanto corpos somos controlados em diversas dimensões: sociológica, médica, entre outras, entre as quais também está a dimensão estética. (p. 143). Esta, completamente relacionada à questão de gênero. De acordo com Foucault, a sociedade ocidental enxerga o homem virgem como “fraco, frágil e feminino”. O fato de, socialmente, o corpo feminino estar ligado à ideia de que não é um corpo suficiente, deixa claro o quanto a mulher é inferiorizada dentro de sua imagem. Já o homem que perde a virgindade, é considerado “forte, fugaz e peludo”, e estaria dentro das condições exigidas para se ser um corpo suficiente.

Com este contexto, conversa Wolf (1992), quando afirma que o “Mito da Beleza” provém de uma estrutura social, cultural e econômica que atinge as mulheres

diretamente.

Não existe nenhuma justificativa legítima de natureza biológica ou histórica para o mito da beleza. O que ele está fazendo às mulheres hoje em dia é consequência unicamente da necessidade da cultura, da economia e da estrutura do poder contemporâneo de criar uma contra-ofensiva contra as mulheres. (WOLF, 1992, p. 16).

Outra faceta desta discussão que Foucault nos traz tem relação em como o poder toma conta de uma sociedade a ponto de interferir nas escolas e processos que organizam e moldam os corpos. De acordo com ele, o desenvolvimento do poder não se dá, sempre, de maneira violenta. Por exemplo, estabelecer poder sobre o corpo da mulher, exigindo-a que se encaixe em padrões estéticos insustentáveis não é uma relação de poder visivelmente violenta a princípio. Ela vem sutil, por meio de objetos e ferramentas externas, entre os quais podemos citar a mídia, as redes sociais, as dietas, as cirurgias plásticas, e se instala de forma agradável, inserindo os sujeitos em um contexto que diz que o padrão é certo, coerente, melhor.

Pois, se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos no nível do desejo (...) e também no nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. É a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico. (Foucault, 1986, p. 148-149)

Em outro momento, o autor reforça esta ideia ao dizer:

Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele “exclui”, “reprime”, “recalca”, “censura”, “abstrai”, “mascara”, “esconde”. Na verdade o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção. (Foucault, 1987, p. 161)

Considerando que os mecanismos de controle do corpo podem também ser sutis, nos interessou entender como isso aparece em jovens universitários.

METODOLOGIA

Para concluir a proposta desta pesquisa e entender como os sujeitos jovens e universitários enxergam e caracterizam o próprio corpo, trabalhamos com entrevistas estruturadas. Ao todo, entrevistamos 50 universitários da Universidade do Vale do Paraíba, entre homens e mulheres, questionando-os os seguintes pontos:

- Como você define o seu corpo em uma palavra?
- Por quê?

A pesquisa foi aplicada no departamento de comunicação da universidade, a Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação (FCSAC), que conta com os cursos de Rádio e TV, Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Design de Moda, entre outros, porém, nesta etapa, delimitamos apenas o trabalho com os cursos especificados.

Também pedimos a cada um dos participantes o preenchimento de uma ficha com: nome completo, idade, e-mail e curso. Como forma de preservar a identidade dos entrevistados, dado que não altera o resultado das pesquisas, evitamos identificar os seus nomes ou informações que possam identificar os sujeitos envolvidos.

Posteriormente, fizemos a análise destas entrevistas e, para entender os resultados e relacioná-los com a questão de gênero que estudamos, identificamos as entrevistas com o gênero de cada participante. Em seguida, separamos em quatro categorias as respostas de todos eles. São elas:

- 1) Aceitação – para os participantes que demonstram aceitar o próprio corpo;
- 2) Apropriação – para os participantes que demonstram sentir-se donos de seus corpos;
- 3) Indiferente – para os participantes que não demonstram positividade e nem negatividade ao falar de seus corpos;
- 4) Insatisfação – para os participantes que demonstram descontentamento e desejo de mudança, contrariedade ou aborrecimento em relação ao próprio corpo.

Ainda na metodologia, apresentaremos o **perfil do público** entrevistado, que foi levantado a partir de uma entrevista realizada com a professora Dra. Vânia Braz de

Oliveira, que é coordenadora do curso de Jornalismo da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação (FCSAC) da Univap. Por meio dos dados levantados na conversa com ela, afirmamos:

O público é majoritariamente feminino.

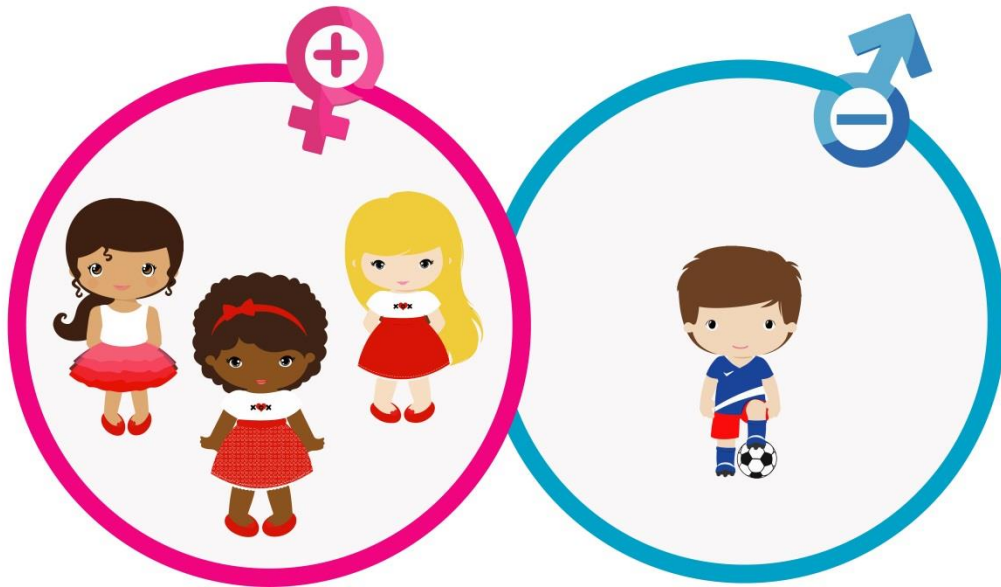


Figura 1 – Elaborada pelos autores.

A maioria dos alunos da faculdade tem entre 17 e 21 anos.



Figura 2 – Elaborada pelos autores.

No curso de Design de Moda, há ainda menos homens. Há poucos casos de alunos que se formam fora do período regular dos cursos, ou seja, ultrapassam os quatro anos. Caso isso aconteça, esse período excede de um a dois semestres.

O curso de Publicidade e Propaganda é o que mais retém alunos, ou seja, que ultrapassam o período de quatro anos de formação; No geral, os cursos do Bloco 2 (bloco da FCSAC), são mais práticos do que teóricos. No primeiro e no segundo ano, há uma mescla de teoria e prática, já no terceiro e quarto há mais atividades práticas;

No Bloco 2, ainda há muita interação dos pais com os professores ou coordenadores nos primeiros anos. Nos primeiros semestres, os pais contestam mais sobre notas, avaliação e duvidam da instituição e da qualificação dos professores. Já nos últimos anos, os pais vêm menos críticos e mais preocupados com o desenvolvimento do filho(a);

E, em média, 60% dos alunos vêm de colégio particular, os 40% variam entre alunos de colégios públicos ou de colégios particulares com bolsa integral ou parcial. Mas não há diferenciação intelectual entre esses alunos.

RESULTADOS

Conforme dissemos, as perguntas direcionadas aos entrevistados questionavam sobre como eles definem seus corpos em uma única palavra e por quê. Aqui, cabe inserirmos as percepções subjetivas que tivemos no momento da entrevista.

A maioria dos participantes demonstrou surpresa ao ouvir a pergunta “Como você define seu corpo em uma palavra” e teve dificuldade para responder. Algumas pessoas riram, outras ficaram bastante sérias ao refletir e ainda tivemos casos em que as questões levantaram outros tipos de sentimento, como desconforto e tristeza, levando às lágrimas alguns dos entrevistados.

Entre as palavras utilizadas para definir os corpos dos jovens universitários estudados, podemos destacar algumas que apareceram com frequência: “Gordo”; “Magro”, “Feio”, “Insatisfação”. Positivamente, também observamos algumas palavras que se repetem: “Forte”; “Satisfação” e “Lindo”.

A seguir, apresentamos uma tabela que representa a forma que encontramos de sistematizar os resultados e as análises, a partir da percepção dos pesquisadores. A tabela abaixo é apenas parte da tabela completa, em que constam as 50 entrevistas detalhadas com as informações de “categoria”, “gênero”, “idade”, “curso” e “percepção do pesquisador”, sobre a fala de cada um dos entrevistados.

| RESPOSTAS POR CATEGORIAS (01-15) | GÊNERO | IDADE | CURSO | PERCEPÇÃO DO PESQUISADOR |
|---|---------------|--------------|--------------------------|---|
| APROPRIAÇÃO | MULHER | 22 | RÁDIO E TV | Demonstrou confiança e certeza na resposta. |
| ACEITAÇÃO | MULHER | 20 | RÁDIO E TV | Demonstrou conforto, felicidade ao definir seu corpo e defendeu amarmos nosso corpo do jeito que ele é. |
| ACEITAÇÃO | HOMEM | 19 | PUBLICIDADE E PROPAGANDA | Falou do seu corpo de forma biológica definindo-o como saudável. |
| INDIFERENTE | HOMEM | 18 | RÁDIO E TV | Demonstra conforto ao responder e ao falar dos pontos positivos e que gostaria de melhorar no corpo. |
| APROPRIAÇÃO | HOMEM | 18 | RÁDIO E TV | Demonstrou confiança e certeza na resposta. |
| INSATISFAÇÃO | MULHER | 20 | PUBLICIDADE E PROPAGANDA | Define seu corpo com o adjetivo “grande” e faz isso de forma negativa e com insegurança. |
| INDIFERENTE | MULHER | 24 | PUBLICIDADE E PROPAGANDA | Demonstra um pouco de desconforto, mas mesmo assim não se refere ao corpo de forma negativa. |

Tabela 1 – Elaborada pelos autores

DISCUSSÃO

Na pesquisa realizada, foram entrevistadas 50 pessoas, sendo alunos e professores da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação, da Universidade do Vale do Paraíba. Dos entrevistados, 44% (22 pessoas) foram mulheres e 56% (28 pessoas) homens.

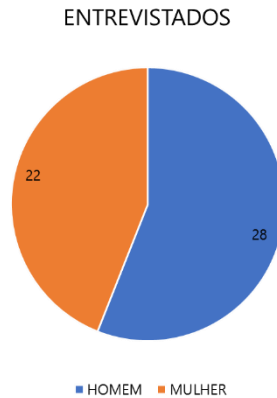


Gráfico 1 – Elaborado pelos autores

Referente à categoria “aceitação”, foi possível constatar que a maioria das pessoas participantes que se sentem bem consigo mesmas são homens (59%).

Já na categoria “Insatisfação”, a maioria que se encaixa são mulheres (60%).

Dentro da categoria “apropriação”, as respostas entre homens e mulheres se deu por igual, sendo quatro respostas de cada.

Dentre as 10 pessoas que se encaixaram na categoria “indiferente”, oito (80%) são homens e apenas duas (20%) são mulheres.

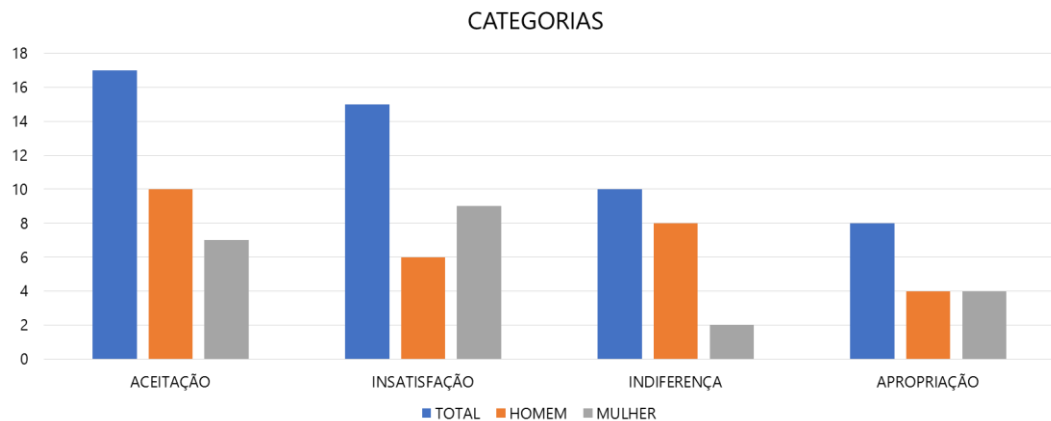


Gráfico 2 – Elaborado pelos autores

É possível observar que a maioria dos entrevistados demonstra conforto em responder à pergunta feita, muitos brincam com a resposta e, diferente das mulheres, tendem a falar e relacionar o corpo mais com a biologia do que com a estética. Os homens estariam então mais perto daquele construto de corpo suficiente, proposto por Foucault, “Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode fiar-se em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente”. (FOUCAULT, 1997, p. 167).

As mulheres parecem estar mais expostas a pressões estéticas e fatores de dúvida sobre a suficiência do próprio corpo, tal qual discute Foucault. Esta questão também aparece em “O Mito da Beleza” de Naomi Wolf, o que faz com elas tenham mais tendência a se importar com os padrões de beleza do que os homens, que muitas vezes nunca foram expostos a questionamentos como o feito nessa pesquisa. Diz Wolf (1991, p.12) “À medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social”.

Na mesma obra, a autora valida essa ideia pouco mais a frente, quando afirma:

Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens, situação esta necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva. Os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução. A beleza da mulher tem relação com sua fertilidade; e, como esse sistema se baseia na seleção sexual, ele é inevitável e imutável. (WOLF, 1991, p.15).

Outra categoria que chama atenção no universo de homens entrevistados é a categoria “indiferença”, na qual os homens representam 80% das respostas. Após a análise da fala dos entrevistados, há uma percepção de que os homens demonstram mais surpresa frente a pergunta e demonstram não se ater ou pensar muito sobre o corpo durante a vida cotidiana.

Dentre as mulheres, o nível de insatisfação com o corpo é mais elevado. Aqui, retomamos o diálogo entre Wolf e Foucault,

Além de demonstrarem surpresa, algumas entrevistadas também demonstraram desconforto em responder à pergunta, e diferente dos homens, que associam o corpo

com o funcionamento biológico, as mulheres tendem a associa-lo a aparência e a aceitação de seus corpos diante da sociedade.

As categorias que mais se destacam nas respostas são a Aceitação e a Insatisfação, tendo 15 respostas em uma e 17 na outra, respectivamente. Aqui pode-se perceber que os homens são mais satisfeitos com os seus corpos comparando-os às mulheres.

Na categoria de Aceitação, a sexo masculino é maioria, sendo 58,82% do total. Já para Insatisfação são minoria, com 40% de presença nas respostas gerais. Ou seja, os homens se aceitam mais que as mulheres.

Os homens ainda são maior número dentro da categoria Indiferença, e as mulheres são minoria, com 20%. Aqui podemos ver que as mulheres se importam mais do que os homens quando o assunto é o próprio corpo, e parecem retomar mais a questão da aparência física quando falam dele.

Aqui, cabe um adendo que pensamos a partir da pesquisa da autora Brene Brown, de “A Coragem de Ser Imperfeito”, em que ela estuda a vulnerabilidade e a vergonha. A pesquisadora traça um diálogo entre a pressão estética sofrida pelas mulheres e a força e energia que elas impõem sobre algum trabalho. Relacionando isso com a produtividade dos homens, a autora mostra que as mulheres, por serem mais cobradas, preocupam-se mais com suas condições de aparência e deixam de investir tempo e criatividade em outras questões como estudo e trabalho. Isso conversa com a categoria indiferença, que mostra claramente como os homens têm menos preocupação com o corpo: 80% dos que responderam dentro desta categoria são do sexo masculino.

Quando penso nos meus esforços para ser tudo para todos – algo para o qual nós, mulheres, fomos educadas –, vejo como cada movimento que faço me retém ainda mais. E depois, quando tento me livrar, cada esforço para sair da teia me leva a ficar ainda mais presa. Isso porque toda escolha tem consequências ou leva alguém a ficar zangado ou decepcionado com você. (Brown, 2016. p. 56).

Na última categoria, temos um empate. A mesma quantidade de homens e mulheres entrevistados sentem-se donos do próprio corpo e relatam este sentimento de apropriação, utilizando, para definir o corpo em uma única palavra, o termo “meu”.

CONCLUSÃO

Embora tenhamos uma perceptiva positiva, em que a maioria dos entrevistados responde que aceita o próprio corpo ou fala dele sentindo-se proprietário de si mesmo, a pesquisa também nos mostra que, entre os entrevistados que se sentem desconfortáveis com a aparência física e estética, a maioria são mulheres. Relacionamos este resultado com o estudo bibliográfico em que Foucault já nos contava sobre a diferenciação do poder sobre corpos femininos e masculinos e, ainda, com o que nos diz Wolf e Brown, em relação à cobrança grande que existe sobre as mulheres e seus corpos.

Claro que, neste sentido, devemos considerar que o perfil do público entrevistado é majoritariamente feminino. Entretanto, ao buscarmos nas entrevistas as palavras com que as mulheres definem os próprios corpos na categoria insatisfação, vemos que o contexto ainda é problemático. “Assimétrico, feio, gordo, magro demais, fora do padrão, desproporcional” são algumas das palavras que surgem e nos mostram como a pressão estética sofrida pelas mulheres é forte e machuca.

A partir desta análise, pretendemos continuar o estudo, trabalhando justamente nas palavras utilizadas e suas subjetividades inseridas no discurso. Outro desdobramento que também pretendemos fazer com a pesquisa é estendê-la aos outros departamentos da Universidade do Vale do Paraíba para entender se há e quais são as diferenças de padrões estéticos e percepções sobre a imagem corporal entre alunos dos diferentes cursos disponíveis na faculdade.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Daniela Dias. **Imagem corporal: a descoberta de si mesmo**. História, Ciências, Saúde, v. 12, n. 2. Rio de Janeiro, p. 547-54, 2005
- BROWN, Brené. **A Coragem de Ser Imperfeito**. Houston: Sextante, 2012.
- CARDOSO JUNIOR, Hélio Rebello. **Para que serve uma Subjetividade? Foucault, tempo e corpo**. Psicologia, Reflexão e Crítica, Assis, p.343-349, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a08v18n3.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- FOUCAUT, Michael. **História da Sexualidade: O cuidado de si**. França: Gallimard, 1984.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. **CORPO, ESCOLA E IDENTIDADE**. Educação e Realidade, Porto Alegre, p.59-75, 2000. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/46833/29119>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

RECH, Cassiano Ricardo; ARAÚJO, Eliane Denise Silveira; VANAT, Joyce do Rocio. **Autopercepção da imagem corporal em estudantes do curso de educação física.** Revista brasileira de Educação Física, v.24, n.2. São Paulo, p.285-92, 2010.

WOLF, Naomi. **O MITO DA BELEZA: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1991. 438 p.